

encontrados e a prevalência de anti-D de acordo com a faixa etária em doadoras de sangue do Hemocentro de Ribeirão Preto. **Material e métodos:** Trata-se de estudo retrospectivo, cujos dados foram coletados do sistema SBS. **Resultados:** Foram analisados os resultados de pesquisa de Acs de 188.114 doadores. As doações foram realizadas entre julho de 2021 e julho de 2023. Do total de doadores no período, 615 apresentaram PAI positiva (0,3%), sendo 229 doadores do sexo masculino (37,2%) e 386 do sexo feminino (62,8%). Os principais Acs encontrados em doadoras foram anti-D (36%), anti-M 13%, anti-C (12%), anti-E (12%), anti-Dia (5%) e outros menos frequentes (22%). A seguir, a prevalência de anti-D foi analisada por faixa etária. O anti-D foi identificado em 12,5% das doadoras de 18 a 30 anos, em 23% das doadoras de 31 a 40 anos, em 38,6% das doadoras de 41 a 50 anos e em 50,8% das doadoras com mais de 50 anos ($p < 0,05$; Qui-Quadrado (χ^2); MiniTab Statistical Software®). Doadoras de 18 a 30 anos apresentaram mais Anti-M (54,1%) que Anti-D, diferente das outras faixas etárias. **Discussão:** A frequência de aloimunização na população estudada é compatível com o descrito na literatura. As mulheres são mais aloimunizadas que os homens, o que era esperado devido às gestações. Os Acs do sistema Rh foram os mais frequentes em mulheres, provavelmente devido a sua alta imunogenicidade. O anti-Dia aparece entre os principais Acs encontrados em doadores, diferentemente de outras populações, o que está relacionado à maior prevalência do antígeno na população brasileira. O anti-D foi o Ac mais frequente em doadoras e sua prevalência aumentou com a faixa etária. Mulheres jovens ainda são sensibilizadas por anti-D, o que pode estar relacionado, entre outras coisas, à falha na profilaxia com anti-D, ao pré-natal inadequado e hemorragia fetomaterna subestimada. **Conclusão:** A taxa de aloimunização em doadores é baixa, porém é maior em mulheres que em homens. Pode-se observar uma redução gradativa da prevalência do anticorpo anti-D na população feminina, o que reflete o impacto da profilaxia pós-parto com imunoglobulina anti-D iniciado no final da década de 60.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2023.09.1146>

INFLUÊNCIA DOS ANTICORPOS ANTI-HNA-3 NA REJEIÇÃO AGUDA DO TRANSPLANTE RENAL

JO Martins^a, HTS Junior^b, E Moritz^a, AJ Salum^a,
R Marco^c, RF Machado^c, HMS Proença^b,
MG Lima^b, JOM Pestana^b, JO Bordin^a

^a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP, Brasil

^b Hospital do Rim (HRIM), São Paulo, SP, Brasil

^c Instituto de Imunogenética (IGEN), São Paulo, SP, Brasil

Introdução: O sistema de antígenos de Neutrófilos Humanos-3 (HNA-3) é codificado pelo gene SLC44A2 e possui duas variantes: HNA-3a e HNA-3b. São expressos em neutrófilos, células endoteliais microvasculares dos pulmões, células tubulares renais e outros tecidos humanos. Os aloanticorpos direcionados contra esses antígenos são formados a partir da

exposição alogênica e estão associados principalmente a casos graves de Lesão pulmonar Aguda relacionada à Transfusão (TRALI) e Neutropenia Aloimune Neonatal (NAN). Devido a presença do HNA-3 no tecido renal, existe a suspeita de que a aloimunização neutrofílica também possa estar envolvida no desenvolvimento da rejeição aguda após o transplante renal. **Objetivo:** Determinar a influência dos anticorpos anti-HNA-3 pré-formados no contexto da rejeição aguda do transplante renal. **Materiais e métodos:** Trata-se de um estudo retrospectivo onde foram analisados 66 pacientes que apresentaram rejeição após o transplante renal, divididos igualmente entre pacientes que possuem anticorpos anti-HNA-3 ($n = 33$) e pacientes sem anticorpos (grupo controle; $n = 33$). As amostras testadas foram coletadas antes da realização do transplante renal e, a pesquisa de anticorpos anti-HNA-3 foi realizada através das seguintes técnicas: Teste de Aglutinação de Granulócitos (GAT), teste de Imunofluorescência de Granulócitos (Flow-GIFT) e técnica baseada em microesferas (kit LABScreen Multi, One Lambda). A genotipagem HNA-3 dos receptores e dos doadores do transplante renal foi realizada pela técnica de polimorfismo de fragmentos de restrição utilizando a reação em cadeia da polimerase (PCR-RFLP). A influência dos anticorpos anti-HNA-3 no contexto do transplante renal foi avaliada durante 12 meses após o evento da primeira rejeição e foi analisada de acordo com o número de episódios de rejeição, perda e/ou óbito do paciente durante esse período. **Resultados:** O segundo episódio de rejeição do transplante renal esteve presente em 11/33 (33,3%) pacientes com anticorpos anti-HNA-3 vs. 3/33 (9,1%) pacientes do grupo controle ($p = 0,033$). O método de Kaplan-Meier foi empregado para analisar a evolução do enxerto renal nos dois grupos estudados, a análise demonstrou que, pacientes com anticorpos anti-HNA-3 apresentaram rejeição significativamente mais precoce em comparação com o grupo controle durante o segundo episódio de rejeição do enxerto renal (teste *log-rank*, $p = 0,014$). Durante o período analisado, não foi observada a influência do anticorpo anti-HNA-3 na frequência aumentada de óbito e/ou perda no enxerto nos grupos estudados. **Conclusão:** Este estudo sugere que a presença de anticorpos anti-HNA-3 pré-formados é mais um fator de risco para o desenvolvimento de rejeições recorrentes do enxerto renal, além disso, pacientes com anticorpos anti-HNA-3 apresentaram o segundo episódio de rejeição significativamente mais precoce em comparação com o grupo controle.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2023.09.1147>

FORMAÇÃO DE ANTICORPOS ANTI-HNA-3 INDUZIDA PELO TRANSPLANTE RENAL: UM RELATO DE CASO

JO Martins^a, HTS Junior^b, E Moritz^a, AJ Salum^a,
R Marco^c, RF Machado^c, HMS Proença^c,
MG Lima^b, JOM Pestana^b, JO Bordin^a

^a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP, Brasil

^b Hospital do Rim (HRIM), São Paulo, SP, Brasil